

Silvia Helena dos Santos Cardoso

**RIBEIRINHOS DO RIO MARINAÚ
CONSTRUINDO HISTÓRIAS VISUAIS NA
COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO¹**

**RIBEIRINHOS OF THE MARINAÚ RIVER
BUILDING VISUAL STORIES IN THE SÃO
SEBASTIÃO COMMUNITY**

¹ Esta é a segunda versão revisada do trabalho, sendo a primeira apresentada no GT 07. Antropoéticas: outras (etno)grafias na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia em dezembro de 2018. E todas as imagens fotográficas presentes são de minha autoria.

RESUMO

Ribeirinhos do Rio Marinaú – Construindo Histórias Visuais na Comunidade São Sebastião é um texto preliminar de uma experiência em residência artística realizada na Floresta Nacional de Caxiuanã (2018), no Arquipélago do Marajó no Pará. A partir de uma oficina em audiovisual, os adolescentes ribeirinhos, estudantes da escola pública municipal, participaram produzindo imagens fotográficas e em movimento, além de narrar histórias reais ou imaginárias inseridas no cotidiano da floresta amazônica. A análise contou com referências teóricas em Artes e em Antropologia, e filmes documentários que instrumentalizam a forma do fazer cinema. A etnografia como estudo descritivo de diferentes culturas é defendida como um processo poético visual semelhante à Arte Contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Poética Visual; Povos da Floresta.

ABSTRACT

Ribeirinhos of the Marinaú River - Building Visual Stories in the Community São Sebastião is a preliminary text of an artistic residence experience held in Caxiuanã National Forest (2018), in the Archipelago of the Marajó in Pará. From an audiovisual workshop, the ribeirinhos adolescents, students of the public school, participated in producing photographic and moving images, as well as narrating real or imaginary stories inserted in everyday life in the Amazonian forest. The analysis counted on theoretical references in Arts and Anthropology, and documentary films that instrumentalize the form of cinema making. Ethnography descriptive study of different cultures is advocated as a visual poetic process similar to Contemporary Art.

KEYWORDS: Ethnography; Visual Poetic; Forest People.

INTRODUÇÃO

Ribeirinhos do Rio Marinaú – Construindo Histórias Visuais na Comunidade São Sebastião é uma narrativa visual sobre uma residência artística empreendida na Floresta Nacional (Flona) de Caxiuanã e, especificamente, na Comunidade São Sebastião no Rio Marinaú, no Arquipélago do Marajó, no Pará. Essa experiência aconteceu por ocasião do Projeto “Expedição NORTEAR 2018” sob a direção e coordenação do Prof^o. Msc. Luiz Adriano Daminello¹. Por meio de um edital publicado no site do projeto, alguns artistas e pesquisadores foram selecionados para realizarem trabalhos poéticos e também, como contrapartida, ministrarem oficinas criativas em algumas escolas municipais nas comunidades na Flona de Caxiuanã. Vale mencionar que as escolas foram escolhidas pelo Projeto Pedagógico do Museu Paraense Emílio Goeldi que desenvolve trabalhos educativos naquela região. Desta forma, cada artista e/ou pesquisador permaneceu por quatro dias em uma vila de uma comunidade localizada entre os vários rios da região desenvolvendo oficinas artísticas em audiovisual, em fotografia, em joalheria natural, em percepção visual e em telejornal. Sendo assim, eu permaneci na Vila da Comunidade São Sebastião no Rio Marinaú.

Essa narrativa textual faz parte de um processo escrito, fotográfico e audiovisual que pretende organizar a experiência artística vivenciada tanto na Flona de Caxiuanã, quanto na Vila da Comunidade São Sebastião, bem como a longa viagem empreendida desde Belém, passando por Breves, Melgaço e Portel, cidades do Marajó, até chegar ao rio Marinaú, onde entrei em contato com os professores da escola pública municipal e com as famílias ribeirinhas.

Este texto está dividido em três partes, sendo a primeira “Contextualizando os Ribeirinhos do Rio Marinaú”, na qual procuro trazer algumas informações sobre a forma de viver daquelas famílias, bem como a escola e os alunos; a segunda, “Etnografia e Poética Visual – uma possibilidade de pesquisa entre a Antropologia e a Arte”, que descreve a oficina em audiovisual desenvolvida por mim e, paralelamente, a forma com que os alunos se integraram no processo de construção de imagens; a terceira, “Considerações Finais: o texto em processo”, que não é exatamente um fim, pois não só a narrativa está em processo, como também os materiais fotográficos e filmicos estão em estado de edição e análise, tal como todas as histórias daquelas pessoas que vivem na floresta. Cada uma destas partes trazem registros fotográficos que complementam as narrativas.

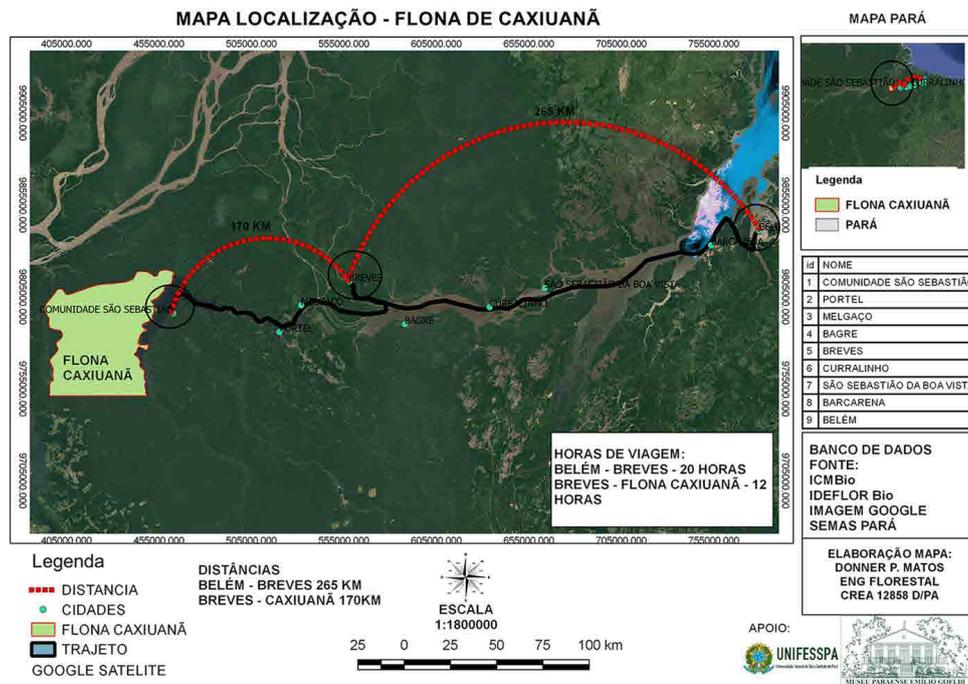
O texto foi escrito na primeira pessoa do plural, uma vez que, fiz parte de uma equipe com artistas e pesquisadores, sob a orientação de um professor e cineasta. Posteriormente, com o compartilhamento das experiências, observamos diversas informações e situações semelhantes, além da reciprocidade entre os professores, os alunos e as famílias ribeirinhas na Comunidade São Sebastião.

Com este trabalho pretendo partilhar a experiência artística vivenciada

¹ O professor Luiz Adriano Daminello é docente no Curso de Cinema e Audiovisual da Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte, na Universidade Federal do Pará.

por mim na Floresta Nacional de Caxiuaná e, especialmente, reconhecer a resiliência cultural das comunidades ribeirinhas e ao mesmo tempo a sua disposição com a tecnologia no mundo contemporâneo.

CONTEXTUALIZANDO OS RIBEIRINHOS DO RIO MARINAÚ



Mapa Localização + Fotografia 1 - Navegando pelo Rio Anapú/Arquipélago do Marajó.

Ribeirinhos do Rio Marinaú formam a Comunidade São Sebastião com aproximadamente cem pessoas, entre adultos, adolescentes e crianças residentes nas margens do rio e de igarapés (canais estreitos navegáveis por canoas). O Marinaú é um afluente do rio Anapú que banha a cidade de Portel, entre outras pertencentes ao Arquipélago do Marajó e localiza-se no interior da Floresta Nacional/FLONA de Caxiuanã (a morada da cobra em língua indígena não identificada, mas localmente nomeada como tal), no Estado do Pará. Entre muitas comunidades, os Ribeirinhos do Marinaú têm a floresta e o rio como espaços provedores da cultura alimentar: o açaí, a mandioca, o milho, a banana, a caça de animais silvestres e o peixe ². Os ribeirinhos fazem parte da categoria defendida na Antropologia Brasileira por “povos da floresta”, tocando na célebre obra Enciclopédia da Floresta (CUNHA; ALMEIDA, 2002), na qual a floresta aparece como forma de vida social e econômica.

Nesta Comunidade São Sebastião, existe uma vila central, onde se encontram: uma escola de ensino fundamental, uma igreja católica, uma casa refeitório e secretaria escolar, e um galpão de reuniões e de festas. A escola, portanto, tem um papel essencial na vida dos adolescentes e das crianças, e também das suas famílias. No ano de 2018, a escola passou a fazer parte de um projeto educacional sob a responsabilidade do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) que também responde pela Estação Científica Ferreira Penna (1993)³. Desta forma, várias oficinas culturais foram ministradas, e entre elas a de audiovisual, ou melhor, a experiência com o registro da imagem e do som. O assunto norteador dos experimentos foi: “as histórias de cada um”. Quando esse tema foi proposto, percebemos certo mergulho nos pensamentos de cada um dos adolescentes. Argumentamos que todos têm histórias, reais ou imaginárias (locais), e estas histórias seriam filmadas com os dispositivos móveis, câmeras compactas e profissionais. Os alunos ficaram entusiasmados, mas também com dúvidas sobre como formular as suas histórias e como contá-las diante das câmeras.

À luz da proposta do cineasta documentarista brasileiro Eduardo Coutinho (1933/2014), um cenário natural foi escolhido, os equipamentos foram posicionados e os adolescentes passaram a desempenhar várias funções, desde câmera fixa para o registro dos depoimentos, os celulares no *pau de self*, a direção do “entrevistado”, bem como o cuidado com o “fazer silêncio”, necessário para gravar a fala dos colegas. Impressionante verificar como todos respeitaram a ideia do “fazer cinema” a partir das próprias histórias de vida como fio condutor de um ensino/aprendizagem em audiovisual. A câmera se impõe como um instrumento que capta a “alma”, isto é, o olho mecânico apontado para uma pessoa ou grupo demanda uma resposta rápida, parece ser impossível um comportamento natu-

² Tanto o milho quanto a mandioca são tradicionalmente cultivados pelos ribeirinhos; não temos a data precisa da inserção da semente do milho naquela região, mas é base alimentar na maioria das comunidades locais.

³ A Estação Científica Ferreira Penna (1993) é uma base de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), localizada na Floresta Nacional de Caxiuanã, dedicada ao estudo da sociobiodiversidade da Amazônia. Domingos Soares Ferreira Penna (1818/1888), naturalista e viajante brasileiro, fez a descrição do lugar – baía de caxiuanã – como um espaço para a implantação de um centro de pesquisa de campo.

ral, uma ideia bastante difundida desde os primeiros filmes documentários, evocando Dziga Vertov ⁴.

Em consonância, os alunos começaram a narrar, a entregar suas memórias diante da câmera como se ela fosse um confessor, muitos se emocionaram e os olhos marejados anunciavam uma história triste, enredos de protagonistas familiares e aparentados. Fascinante notar o monólogo estabelecido por cada um deles e provocado por um equipamento de registro de imagem e som. As histórias narradas e filmadas são o cerne deste trabalho e fomentam essas outras etnografias construídas por todos: os propositores e os protagonistas.



Fotografia 2. Estudantes em canoa num igarapé do rio Marinaú.

⁴ Dziga Vertov (1896/1954), cineasta polonês, fez o filme "Um Homem com uma Câmera" (1929) e explorou a ideia de "cinema verdade" como base do gênero documentário.

ETNOGRAFIA E POÉTICA VISUAL - UMA POSSIBILIDADE DE PESQUISA ENTRE A ANTROPOLOGIA E A ARTE



Fotografia 3 + 4. Oficina de Audiovisual na Comunidade São Sebastião.

Quando chegamos à Vila de São Sebastião, fomos recebidos pelos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental da Comunidade São Sebastião, localizada no rio Marinaú. Como escrevemos acima, a escola pública tem um papel fundamental na vida das famílias, bem como de todos os alunos, crianças e adolescentes. A Comunidade acredita que a escola pode mudar a condição de vida dos estudantes por fazer com que eles tenham acesso a conhecimentos plurais trabalhados nos planos das diferentes disciplinas que compõem a grade curricular do Ensino Fundamental. A maior parte das propostas de oficinas educativas é bem recebida e todos se empenham, especialmente os professores e as lideranças locais, para o sucesso das atividades. Tal apoio é fundamental, uma vez que, aquela região marajoara está distante de Portel, segunda maior cidade da região, por volta de dez horas de viagem a partir de Breves, e também de outras comunidades localizadas na própria Floresta Nacional de Caxiuanã.

O cotidiano segue uma narrativa ribeirinha: a casa nas margens do rio, o casco (pequena canoa de madeira) com motor de rabeta para o deslocamento entre uma comunidade e outra, alguns barcos grandes que transportam a farinha, produto derivado da mandioca produzida pelas famílias nas casas de farinha, e comercializada nas cidades de Portel, Melgaço e Breves. A produção da farinha é, na maioria das vezes, a única fonte de renda. Portanto, fazer a roça é uma atividade familiar: o homem retira a vegetação original, a mulher e os filhos tratam de coletar todos os paus, folhas, raízes, entre outros, remover todo o material orgânico e preparar a terra para o plantio da mandioca e também do milho. Desta forma, os filhos trabalham com os seus pais desde muito cedo. Ir para a escola sempre foi um deslocamento difícil, uma vez que a criança participa ativamente da atividade familiar e econômica. Portanto, a escola só é bem sucedida, equivalendo à frequência em sala de aula, se todos os moradores da comunidade entenderem o

espaço escolar como o lugar de aprendizado e transformação social. A princípio parece que a Comunidade São Sebastião está bastante empenhada na escolarização dos filhos, uma vez que os pais são semialfabetizados, com pouca ou nenhuma escolaridade. Segundo os professores, os alunos têm alta frequência, não só pelo interesse nos conteúdos trabalhados em sala de aula, mas também pela estrutura oferecida: transporte de barco entre as casas e a escola, o café da manhã e a merenda, bem como a garantia do auxílio assistencial da bolsa família.



Fotografia 5. Casa ribeirinha na margem do rio Marinaú.

Desta forma, a Comunidade São Sebastião forma um microcosmo estruturado pelas famílias do rio Marinaú e a escola está integrada neste universo, bem como os professores, que além de ministrarem as aulas, exercem múltiplas tarefas: coletar açaí, pescar, caçar, preparar a merenda, visitar as famílias e os estudantes, e dar conta de todos os outros imprevistos que decorrem da vivência numa região isolada na Amazônia Paraense. Por outro lado, a comunidade revela um conhecimento profundo sobre as riquezas da floresta e parece viver harmoniosamente com a mata ao redor das suas casas. Sabe reconhecer as plantas e identificar as aplicações curativas. E também possuem uma excelente audição

para os ruídos dos animais, dos barcos, da velocidade do vento, entre outros atributos necessários para a vida na floresta.

Sendo assim, o tempo que permanecemos na Vila de São Sebastião, aproximadamente quatro dias, não foi suficiente para “reter” as singularidades do cotidiano naquele rincão marajoara.

Contudo, a oficina de audiovisual desenvolvida contou com a participação dos alunos adolescentes, dos professores e do apoio das famílias, uma vez que foi desenvolvida num final de semana prolongado, a partir de sexta-feira à tarde, sábado e domingo, e segunda-feira pela manhã. Portanto, ao longo de três dias inteiros, os estudantes estiveram em contato com os materiais: câmeras, microfone, *pau de self*, tripé, câmera *go-pro*, celulares, com a estética do documentário, com noções de como captar o som, com o processo de produção, como por exemplo encontrar um cenário natural propício para as entrevistas, escolher um igarapé para mostrar uma vida com a forte presença da água, entre outros aspectos necessários para a realização de filmes e fotografias.



Fotografia 6. Um tijolo como câmera.

A partir do “cinema de conversação” de Eduardo Coutinho⁵, os estudantes se identificavam e contavam uma história, porque partimos do pressuposto que todos têm histórias reais ou imaginárias, e elas podem revelar o potencial de cada um deles e também um olhar singular da floresta.



Fotografia 7. Descendo um igarapé no rio Marinaú.

Antes das entrevistas – histórias de cada um propriamente, realizamos uma sessão de fotos em fundo infinito: cada estudante adentrava no cenário construído com tecido em algodão cru, e nós realizávamos fotografias estáticas. Ao mesmo tempo, os alunos também clicavam com os seus celulares⁶. O argumento partiu da ideia de valorização de cada um deles. Grandes fotógrafos também partem desta estética para retratar as pessoas, como por exemplo, o norte-

⁵ Eduardo Coutinho (1933/2014), documentarista brasileiro, fez inúmeros filmes e trabalhou com o conceito de “cinema de conversação”: ele se posicionava ao lado do *cameraman* e seguia conversando com o entrevistado, contemplando assim uma conversação para além de perguntas e respostas (Ohara; 2013).

⁶ Vários dispositivos móveis – celulares, especialmente – registraram todos os momentos da oficina, formatando uma espécie de *Making Of*, apesar de poucos estudantes possuírem aparelhos.

-americano Irving Penn (1917-2009)⁷, que fotografou diferentes profissionais em fundo infinito, procurando realçar a característica física e a personalidade de cada um dos trabalhadores participantes do Projeto Pequenos Ofícios (1950/1951).

Posteriormente, escolhemos um cenário natural, onde evidenciamos a floresta, e colocamos um tronco de árvore como assento, posicionamos a câmera sobre o tripé, falamos sobre a importância do silêncio no “set de filmagem”, uma vez que trabalhamos com o registro de som direto e assim todos os ruídos podem interferir na gravação das histórias.

O trabalho avançava e a oficina também era construída com a participação de todos - tínhamos um roteiro, mas não um percurso fechado, mesmo porque não tínhamos uma ideia precisa do que encontraríamos - e muito menos de como seria o envolvimento dos estudantes e também dos professores.

Notamos que os estudantes que possuíam dispositivos móveis e os professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental da Comunidade São Sebastião – Denise Leão e Evandro Ferreira de Oliveira – fotografaram e filmaram paralelamente à produção do material audiovisual oficial. Esse método não foi planejado anteriormente, mas tal procedimento foi excelente porque eles acompanharam os processos do “fazer cinema” com foco e entusiasmo, além de produzirem o próprio material.

As noções de compartilhamento e reciprocidade se fizeram presentes: tanto as histórias visuais como orais foram partilhadas – vistas e ouvidas – por todos os alunos e professores, porque os estudantes dividiram suas narrativas sem prévio encaminhamento. Cada um contou o que quis dizer.



Fotografia 8. Entrevistando em cenário natural.

⁷ Irving Penn Centenário, Exposição Fotográfica no Instituto Moreira Salles em São Paulo, 21 de agosto a 18 de novembro de 2018; ims.com.br.

A vida ribeirinha foi tecida a partir das narrativas de cada um dos adolescentes do rio Marinaú.

Ao som do “um, dois, três ...”, como uma claquete, eles começaram a falar:

A primeira entrevista foi com a aluna Diselma Alves da Silva: “Bom dia, meu nome é Diselma Alves da Silva, tenho 17 anos, estou cursando o nono ano e estou aqui para contar a minha estória”.

Diselma não conseguiu falar, os olhos encheram de água e não conseguiu dizer nada.

Concluimos que o silêncio é a sua narrativa, bem como a sensação de “algo represado”, ali contido, ainda por ser elaborado.

A segunda entrevista foi com o aluno José Raimundo Teixeira Farias:

- Bom dia, meu nome é José Raimundo Teixeira Farias, tenho 17 anos, estou no sexto ano, e quando eu era mais pequeno gostava de caçar com o meu irmão, um dia estávamos na floresta e encontramos uma onça, e ela se levantou e veio no nosso rumo, meu irmão foi atrás de um pedaço de pau, e eu fiquei na estrada e quando ela se aproximou e ficou muito perto de mim, meu irmão atirou nela, ela ficou desengonçada e desapareceu.

A terceira entrevista foi com a aluna Sebastiana Soares Mavigno:

“Bom dia, meu nome é Sebastiana Soares Mavigno, tenho 16 anos e estou no oitavo ano, vou contar sobre a minha vida, ano passado eu fui estudar no Caxiuanã, a professora disse que ia sair para pesquisar sobre a temperatura da água, eu fiquei curiosa porque não tínhamos equipamento nenhum (...)”.

A quarta entrevista foi com a aluna Michele (ela não disse o seu sobrenome):

“Meu nome é Michele, tenho 13 anos, estou cursando o sexto ano, e eu gosto de trabalhar com serragem com o meu pai, e um dia fui para o mato com ele e ele mandou calçar uma tora, o pau escorregou e caiu no dedo dele, essa é a minha história”.

Várias entrevistas foram realizadas, aproximadamente 30 histórias curtas, cada uma com uma informação sobre o cotidiano deste Povo da Floresta.

A estudante Diselma não conseguiu dizer nada, mas o silêncio foi bastante revelador; José Raimundo falou sobre um dos maiores perigos da floresta além da cobra: a onça, mamífero extremamente temido, encontrá-lo cara a cara é razão de muito medo; a Sebastiana já traz um conteúdo de aula e comenta sobre a curiosidade; e Michele fala sobre a proximidade com o pai. Portanto, cada um deles coloca um dado importante que estrutura a vida do ribeirinho, que habita aquela floresta.

De forma tangencial à etnografia, nossa proposta é de compor um filme de curta-metragem, a partir da edição dos documentos visuais produzidos em campo: fotografias em alta e média resolução, registros audiovisuais das entrevistas e da floresta, acompanhados de sonorização⁸.

A oficina baseou-se em algumas referências cinematográficas: obras de Dziga Vertov (1896/1954), Eduardo Coutinho (1933/2014), cineasta documentarista brasileiro, que filmou *Últimas Conversas* (2015), onde diversos estudantes do ensino médio falam sobre as suas expectativas de vida; e Michel Obert (1966), cineasta documentarista alemão, que fez o filme *Song From The Forest* (2013) no qual documenta um americano que viveu na África gravando os sons de uma comunidade de pigmeus. Por outro lado, a oficina de audiovisual tem uma perspectiva poética e técnica, uma vez que a condução das atividades e o compartilhamento da forma de fazer imagens são absolutamente únicas, assim a Poética Visual é constituída através do olhar e do fazer estético de cada um.



Fotografia 9. Sala de Aula na Escola Municipal da Comunidade São Sebastião.

⁸ O material bruto – fotografia estática e em movimento – está em processo de decupagem para possíveis edições (2018/2020).

Acreditamos no encontro de uma Etnografia apropriada a uma Poética Visual ⁹, ou pelo menos certa associação entre ambas. Um método como uma “fatura da etnografia”, tal como concebemos em Artes Visuais, considerando tudo aquilo que compõe materialmente uma obra de arte, ou seja, como fazer etnografia na Comunidade São Sebastião considerando, desde os aspectos culturais, sociais e econômicos, bem como os sujeitos (discentes, docentes, artista/pesquisadora) envolvidos no trabalho audiovisual. Neste trabalho, seria uma forma de aproximar a etnografia e a poética visual. Por fim, por uma etnografia mais poética: compartilhamento e reciprocidade entre os fazeres – nós e eles, do nosso e o deles -, edificando, como uma parede (tijolo por tijolo), o NOSSO fazer. Se a Etnografia se apropria da escrita e também da visualidade, a Poética Visual se apropria exclusivamente linguagem visual; juntas podem resultar num registro mais poético.

As articulações entre a Etnografia e a Arte, entre a Antropologia e o Audiovisual (Cinema), não são a princípio totalmente racionais, como a cultura também não é. Existem espaços do oculto, do não dito, do que está por dizer e nunca o será. Fazer etnografia é um fazer também poético porque depende do pesquisador e dos métodos de descrição aplicados. Ao mesmo tempo, fazer Arte também é um processo em desenvolvimento; muitas vezes a riqueza da obra está entre a ideia e o resultado, e não na obra concluída.

“Para apreciar a arte de determinado período, devemos tentar recuperar a “maneira de ver” que os artistas do período em questão presumiam implicitamente que o público traria consigo ao considerar suas obras. Uma das tarefas do historiador da arte é facilitar esse processo, apresentando elementos do contexto histórico. A antropologia da arte, poderíamos concluir, tem por objetivo mais ou menos semelhante, ainda que aquilo que tem de ser elucidado seja a “maneira de ver” de um sistema cultural, e não de um período histórico”. (GELL; 2018, p. 25).

O antropólogo inglês Alfred Gell (1945/1997) ressalta na citação acima, o sistema cultural, as articulações visuais, sociais, políticas e econômicas evidenciadas ou não, mas presentes em uma determinada cultura. Neste sentido, a maneira de ver revela como as pessoas de uma cultura conseguem refletir e expressar a materialidade ou imaterialidade do pensamento. No rio Marinaú, os adolescentes participantes da oficina em audiovisual parecem conviver plenamente com a floresta e a tecnologia, mesmo que somente em algumas horas da noite ou quando o gerador é ligado.

As Comunidades presentes na Floresta Nacional de Caxiuanã ¹⁰ - Pedreira, Pracajurá, Caxiuanã, Santo Antônio, São Sebastião (existem várias comunidades católicas com o mesmo nome porque são devotas do mesmo santo), entre outras

⁹ Entende-se por Poética Visual a forma do fazer desenvolvida num processo de trabalho artístico, portanto o audiovisual também está inserido nesta área, uma vez que depende muito de quem e com quem realiza um projeto .

¹⁰ A Flona de Caxiuanã ou Floresta Nacional de Caxiuanã é uma unidade de conservação federal brasileira criada em 1961; é a floresta nacional mais antiga da Amazônia Legal; é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ICMbio (até 2018 quando este texto começou a ser esboçado); está localizada no Arquipélago do Marajó/Pará.

- convivem com a quase ausência do Estado, apesar da escola ser uma instituição que representa o poder público de Portel e de Melgaço¹¹.

Esses microcosmos procuram certa autonomia, seja na produção e no transporte da farinha, seja na reforma da escola: uma única sala de aula com 20 anos de existência. Contudo, a escola continua representando certo respiro na vida de todos, um lugar onde não só os estudantes, mas as famílias vislumbram alguma mudança na estrutura social local.

A vida ribeirinha divide-se praticamente em duas estações: verão e inverno, como quase todo o norte do país inserido no bioma amazônico. O verão é muito quente e seco, e o inverno tem chuvas torrenciais. O verão é a época da fartura: peixe, mandioca e açaí (fruto rico em ferro, substitui o feijão, é servido com peixe), uma espécie de “café” de cada casa: o açaí é oferecido ao visitante como um copo de água ou uma xícara de café. Não aceitá-lo representa uma grande ofensa. Portanto, gostar do açaí, especialmente puro, é como obter um passaporte para adentrar a casa de uma família e conversar sobre vários assuntos relativos à vida ribeirinha.

Apesar da localização e da ausência de eletricidade, apenas as comunidades com gerador de energia têm por algumas horas a presença da luz elétrica, frequentemente no horário da novela das nove horas da noite, portanto os estudantes e professores estão minimamente conectados. Eles resolveram dividir uma rede de internet na casa de um dos moradores próximos da Vila de São Sebastião, uma espécie de “Cyber Casa”¹² com internet compartilhada. Quando ligam o gerador de energia, a internet funciona, então algumas famílias vão até a Cyber Casa para consultar e-mails, baixar músicas, falar pelo *WhatsApp*. Não é mais possível pensar em comunidades sem conexão, sem contato com o mundo externo. É um percurso sem volta e, especialmente, os jovens almejam um dispositivo móvel justamente para conversar pelo menos com os outros jovens de outras comunidades, mesmo que por poucas horas por dia.

A comunidade está “plugada” através do dispositivo móvel – o celular, basicamente. Desta forma, a cultura como conceito tem novas escalas e velocidades, segundo a artista Clarissa Ribeiro: “(...) do Cultural Analytics Lab dirigido na Califórnia por Lev Manovich, inaugura o deleite de poder navegar por padrões cromáticos de imagens para que, nas palavras dos pesquisadores, seja possível ver a cultura em suas novas escala e velocidade” (RIBEIRO; 2018, p. 01)¹³.

¹¹ Melgaço é a cidade com menor Índice de Desenvolvimento Humano/IDH do país, contudo é necessário certo relativismo, uma vez que não podemos usar os mesmos instrumentos de medição, especialmente quando tratamos de povos da floresta ou de comunidades sustentáveis (GOMES; 2018).

¹² Cyber Casa é uma associação livre do termo cyber café (abreviatura de cybernetic).

¹³ O pesquisador russo Lev Manovich (1960) dirige o laboratório de mídias digitais e estuda a presença dessa conexão virtual entre diferentes culturas. A princípio, pensamos a Comunidade São Sebastião como um local muito isolado, contudo o contato com o rádio, com a televisão, e atualmente com as redes sociais, traz alguma conexão dessas pessoas, especialmente, os jovens com os outros jovens de outras comunidades da Flona de Caxiuanã.



Fotografia 10 + 11. A Professora Denise Leão no rio Marinaú e a “Cyber Casa”.

A cultura contemporânea, para pensar num conceito de cultura à luz da antropologia, não tem uma forma exclusiva, é um híbrido, ora desloca para cá (uma vida mais virtual), ora para lá (uma vida menos virtual), dependendo do interesse da comunidade, das lideranças, e também dos objetos tecnológicos disponíveis, como por exemplo, as tecnologias móveis. Para os pesquisadores Ronaldo Lemos e Massimo Di Felice (2014) a vida contemporânea está inserida numa rede digital, da qual fazemos parte, desde uma simples conta no banco na qual movimentamos os cifrões de forma *online* ou com um cartão magnético nos caixas eletrônicos, onde atualmente podemos fazer transações bancárias apenas com as digitais. Trata-se, portanto, de um caminho sem volta, não há no horizonte qualquer ação impeditiva desses procedimentos conectivos, mesmo considerando a ausência de energia.

A Vila de São Sebastião é composta por uma igreja católica, a escola, uma casa refeitório e secretaria escolar, e a “Cyber Casa” ao lado: os estudantes e suas famílias, e os professores chegam à noite para consultar a internet e também para ver televisão, o único aparelho da Comunidade do Rio Marinaú. O proprietário da “Cyber Casa” não contava com tanto movimento à noite, uma vez que todos os dias recebe as “visitas”. Vale lembrar que o gerador de energia faz parte da escola, mas foi comprado pela comunidade que também o abastece com o combustível. Durante o dia, professores, alunos e famílias estão ocupados com as tarefas diárias, portanto, apenas à noite a “Cyber Casa” tem frequência. Cada família contribui com alguns reais para pagar a internet e também o combustível.

Para o estudioso francês Nicolas Bourriaud (2009), as conversas entre amigos, colegas e desconhecidos acontecem em diferentes ambientes, existe um “empurrão mercantil”¹⁴ que faz as pessoas se encontrarem em volta de uma mesa

¹⁴Entendemos o “empurrão mercantil” como um consumo consciente. Quando o curador e crítico francês Nicolas Bourriaud (1965) escreveu sobre a “bebida no bar”, o artista está consciente do seu consumo, ou seja, a cerveja, por exemplo, acaba por promover uma conversa; na Vila de São Sebastião não existe o consumo da bebida, mas o consumo da energia que acaba por promover

de um bar, por exemplo. No Marinaú, estes espaços de convívio contemporâneos são quase inexistentes, se não fosse pela presença da Vila com os seus carentes equipamentos sociais: a igreja, a escola, e, atualmente, a vizinha “Cyber Casa”. Bourriaud argumenta sobre a estética relacional presente na Arte Contemporânea, na qual o pensamento artístico é desenvolvido em espaços diversos, não só no ateliê de um artista, como também em torno de um café, por exemplo. O livre pensamento produz ideias e projetos artísticos capazes de movimentar o campo do fazer em arte. A “Cyber Casa” não é um bar, não tem uma mesa, mas tem a energia e a conexão digital capazes de promover uma outra forma de pensar e viver do ribeirinho.



Fotografia 12. Interior de uma casa ribeirinha.

Contemporaneamente, perguntamos: o que é ser ribeirinho? A questão colocada diz sobre uma geração – parentes próximos e distantes (avós, pais, tios, primos e filhos) – com uma perspectiva de vida diferente dos adolescentes do Rio Marinaú. O horizonte contemporâneo é tecnológico, entendemos que a oficina de audiovisual fez tanto sucesso porque contempla tal entusiasmo: eles produziram imagens – fotografia e filmes diretos – para a inserção nas redes sociais. De

o encontro entre as famílias e os jovens do Rio Marinaú.

certo modo, também participam da rede digital mundial, de alguma forma estão inseridos no contexto global. Todos os jovens a partir de 13 anos quiseram participar e participaram do exercício em audiovisual. Todos, sem exceção, sentiram muita alegria com as imagens realizadas.

Lembramos da pequena Sofia, uma menina de dois anos de idade, da Comunidade da Pedreira: "... bora fazer self mãe...". Ela pode reproduzir o que os adultos falam e fazem, contudo esse tipo de autorretrato já faz parte da sua forma infantil de pensar.

Assim, não se trata mais de uma comunidade isolada, distante e solitária. O ribeirinho reside num lugar de difícil acesso, é inegável, contudo a presença de uma conexão digital faz a diferença. Os adolescentes, especialmente, desejam maior conectividade social. E tal desejo não parece negativo, uma vez que a cultura tem um movimento dinâmico, é este híbrido, anteriormente escrito, que engloba, subtrai, soma, multiplica, reproduz em escala exponencial. E em nenhum momento, ouvimos qualquer um dos moradores do Marinaú dizer sobre a vontade de ir embora, de morar em outro lugar, de buscar outra forma de vida. Eles parecem muito dispostos, apesar de todas as dificuldades cotidianas, como por exemplo, a escassez de peixe e açaí no inverno ou a ausência de um transporte público (um barco público) para uma emergência médica.

Simultaneamente, a Comunidade São Sebastião convive com histórias locais que compõem o universo simbólico do Rio Marinaú. O "Cara Rachada" é um homem velho com uma bengala, tem o rosto cortado, o sangue escorre pelo corpo, é feio e aparece quando as crianças entram na floresta ou se aproximam da mata. O "Cara Rachada" é conhecido por todos os estudantes da escola da Vila. No domingo, quando os adolescentes pegaram o barco para retornarem às suas casas, dissemos: "cuidado com o cara rachada". E uma das alunas revidou: "cuidado vocês, o cara rachada está na Vila".

Essa lenda da floresta no Rio Marinaú lembra as várias histórias contadas na região norte do país. Entre elas, a lenda do boto: homem bonito, habitante dos rios amazônicos, aparece para as meninas e as seduz. De alguma forma, as lendas revelam como os moradores tratam algumas situações que "não podem ou não querem" vir a público. O Cara Rachada funciona como um impedimento para as crianças e os adolescentes não entrarem sozinhos na floresta. A floresta, por sua vez, é um lugar desconhecido, isto é, por mais que o homem ribeirinho conheça a mata, ele não tem total controle deste universo.

No filme Encantados (2014), de Tzuka Yamasaki (1949), a cineasta brasileira narra o contato entre um boto e a menina Zeneida, que possui poder de ver, ouvir e falar com um encantado, isto é, com um ser invisível, pertencente ao reino da natureza. No drama, a protagonista sofre discriminação por parte da família e dos empregados, e, em certo momento, desaparece, voltando depois de algum tempo, já com poderes sobrenaturais. Entretanto, essa parece ser uma história real: Zeneida Lima é uma pajé que vive em Soure no Marajó, conhecida pelos poderes curativos e atende todas as pessoas que a procuram com os mais diversos

problemas, especialmente, doenças desconhecidas.



Fotografia 13. Floresta Nacional de Caxiuanã, Marajó, Pará.

À luz da obra *Amazônia Lugar da Experiência* (MANESCHY; 2013), a Amazônia Brasileira ainda é o lugar do desconhecido, do mágico, das anacondas, das onças, mas também é o espaço da experimentação. Os ribeirinhos do rio Marinaú fazem parte desse universo e parecem conviver em harmonia entre uma forma de vida tradicional e a presença contemporânea da tecnologia.



Fotografia 14. Igreja Católica de São Sebastião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TEXTO EM PROCESSO

A oficina em audiovisual ministrada na escola pública contou com os adolescentes acima de 13 anos de idade que participaram ativamente das filmagens, registros fotográficos e imagens em movimento sonorizadas. Foram produzidos materiais por nós artistas e pesquisadores e por eles, estudantes e professores¹⁵. Pretende-se futuramente uma exibição do filme ou filmes que serão editados na Vila de São Sebastião. Até o momento, todos nós conhecemos fragmentos dos materiais filmados: os nossos e os deles. Quando da projeção dos filmes e das fotografias, comporemos um produto imagético maior e também mais complexo, com maiores informações visuais a serem evidenciadas.

As fotografias e os filmes - em estado bruto e/ou minimamente decupados até o momento - tecem uma relação entre a etnografia e a poética visual, situando-se na interface da Antropologia e da Arte. Consideramos e, em certa medida, defendemos a etnografia como uma forma poética, porque depende diretamente de quem a faz, contando com as linguagens técnicas: a fotografia estática e a fotografia em movimento sonorizada

A partir das articulações entre teóricos, fotógrafos, artistas, cineastas, antropólogos, fluxos de pensamentos e dos materiais brutos produzidos – costumamos esta narrativa visual. Este texto escrito também faz parte de um processo criativo que tem o fazer etnográfico como fim, portanto o processo do fazer em etnografia e em poética visual, fazendo uma licença poética: uma etnografia poética na Floresta Nacional/Flona de Caxiuanã, no Marajó, na Amazônia Paraense.

Os ribeirinhos do Marinaú foram os protagonistas das nossas imagens, especificamente, os adolescentes da escola pública. Tradicionalmente suas famílias vivem na Flona de Caxiuanã por mais de 50 anos, portanto meio século de floresta e de história conhecida. Não perguntamos como as suas famílias chegaram lá, mas disseram que Belém do Pará é mais longe do que Macapá no Amapá. Vivem assim entre dois estados, nem lá e nem cá, entre a localização oficial e a convivência social e a econômica. Em certa medida, esse deslocamento influencia a forma de pensar e de se situar no tempo e no espaço, a ordem das coisas e da vida, mesmo com a presença da floresta como lugar de constante aprendizado.

Segundo o estudioso inglês Will Gompertz (2015), os artistas são curiosos de verdade, querem saber de tudo e de todos; os estudantes da Comunidade São Sebastião agiram desta forma: com curiosidade; se comportaram como pessoas interessadas e por vezes repetiam fragmentos da aula teórica ministrada anteriormente à produção de imagens: “Você não pode produzir algo interessante se não estiver interessado em algo”. (GOMPERTZ; 2015, p. 59)

¹⁵A oficina de audiovisual contou com aproximadamente vinte discentes do Ensino Fundamental entre 13 a 20 anos de idade e com três docentes das disciplinas de Português, Geografia, História, Ciências Naturais, Artes e Educação Física.



Fotografia 16. Equipe de Estudantes e Professores na Oficina de Audiovisual.

Os estudantes e os professores foram extremamente receptivos e desejosos das tecnologias apresentadas, desde a aula introdutória, quando foram expostos conceitos básicos do fazer audiovisual até o momento em que filmaram com os seus celulares e também com outras máquinas. Percebemos o entusiasmo somente em ver como entrevistar (entrevistá-los) em meio a um cenário natural, tendo a floresta como fundo infinito.

Eles são povos da floresta – vivem a mata em sua intensidade, tiram dela a sobrevivência, caminham por ela com respeito e cuidado, querem essa dimensão verde e intacta, mas também o dispositivo móvel para que possam se conectar a outros mundos próximos ou longínquos.

O Marinaú revela as suas faces em cada curva do rio onde se encontra uma casa palafita, um casco ancorado, uma canoa de rabeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**; tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. – (Coleção Todas as Artes).

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa de (orgs.). **Enciclopédia da Floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GELL, Alfred. **Arte e Agência: uma teoria antropológica**; tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2018. – (Coleção Argonautas).

GOMES, Carlos Valério Aguiar. **Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas**. Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum. Vol. 13. N. 1. Belém jan/abr. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222018000100129 . Acesso em: 25 mar. 2019.

GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista... e tenha uma vida mais criativa e produtiva**; tradução de Cristina e Iara Fino. 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LEMOS, Ronaldo; DI FELICE, Massimo. **A Vida em Rede**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.

MANESCHY, Orlando Franco (org.). **Amazônia, lugar da experiência**. Belém: Ed. UFPA, 2013.

RIBEIRO, Clarissa. **Quando a Inteligência é Artificial (nota de esclarecimento ou ode ao Uirapuru)**. Artigo não publicado, 2018. (cr@clarissaribeiro.com.)

OHATA, Milton (org.). **Eduardo Coutinho**. São Paulo: Edições SESC, 2014.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

COUTINHO, Eduardo. **Últimas Conversas**. Brasil: Videofilmes, 2015.

YAMASAKI, Tizuka. **Encantados**. Brasil: Globo Filmes, 2014.

OBERT, Michel. **Song From The Forest**. Alemanha: Tondowski Films, 2013.

VERTOV, Dziga. **O Homem com uma câmera**. URSS: s/p, 1929.

AUTORA

Silvia Helena dos Santos Cardoso

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

E-mail: silvia2001@uol.com.br